

Índice

Prefácio: As Campanhas de Prata	7
---------------------------------	---

Contos, Sonhos e Imaginações

Longe	23
História ao Cair da Noite	27
Lisa e Joe	37
Viagem em 2. ^a	53
Dois Vizinhos	63
Catarina Era assim...	72
Uma Tentativa Literária	79
Pés de Ouro	82
Uma Vida Banal	87
Vindos dos Domínios de Marte...	97
Aventura Exemplar	103
O Homem Que Eu Matei	115
A Noite não Acaba mais	120
O Cenáculo	126
O Escriturário	137
As Mãos contra a Luz	146
Colar de Flores Bravias	150
Serenata	162
Mendigos	165
Cividade	185
Óculos Escuros	227
O Rapto	230
Os Compadres de Ronfe	234
Neura	239
Contrato Social	243

O Búzio	247
Míscaros	251
Apenas Um Poeta Manco	254
O Cortejo	259
A Pousada	260
De Profundis	273
O Torneio	274
Espaço para Sonhar	276
No Caminho de Emaús	308
O Noivo	316
Aquário e Sagitário	322
Fetos em Álcool	361
Filosofia Verde	374
Invocação a Jano	379
Os Peripatéticos	386
A Ponte	431
Os Amantes Aprovados	436
<i>Requiem</i> pela Princesa Ilse	444
O Bodo	449
A Mãe de Um Rio	453
O Baile dos Archotes	461
O Convidado debaixo da Mesa	470
A Matança	481
O Ramo de Ouro	494
Casa Morta e Pia Baptismal	498
Auto do Rei Herodes	503
Maximina	508
Os Três Reis Zangados	512
A Viagem dos Trezentos Passos	523
Desordem e Travessura	526
Uma Limonada em Micenas	529
Olímpia Jack	532
O Faisão	535
Treno Convertido em Loa	538
Embarque em Brindisi	541
O Auriga	544
O Terceiro Banquete	547
O Álamo Negro	550
A Hora de Termoli	553
Conversação com Dmitri (I)	556
Conversação com Dmitri (II)	558
O Anjo das Botas	560

A Adoração dos Magos	563
O Rei O Quer	566
O Mal de Gloster	569
Chama de Verão	572
Uma Pescaria	575
As Enzimas da Ira	579
A Invasão	582
O Rei das Saladas	585
O Lugar dos Mortos	587
Um Natal Raro	589
A Brusca	591
Regina	613
As Vanegas	615
Oceanografia	618
Tanit	620
Um Inverno Frio	622
Daniel e os Reis	625
A Senhora Clarinha	627
O Javali	629
O Tímido	631
O Comboio da Uma e Vinte	633
A Boina	635
Rose	637
Mármore Colossal do Séc. IV, Museu do Capitólio	639
Correio da Noite	644
O Lago	647
Kerem	650
Uma Provinciana	653
Um Cabelo Loiro	656
Romance sem Probabilidades	658
Dentes de Rato	662
A Memória de Giz	690
O Menino Grão-de-Milho	697
As Duas Irmãs Fabianas	701
O João Pequeno	704
A Torre	706
Vento, Areia e Amoras Bravas (Dentes de Rato — II Parte)	715
Diálogo em forma de Visão Branca	757
A Dama das Camélias	761
A Bela Adormecida	767
Dominga	776
O Rato	784

Casamento e Fuga	790
Artur Leite, Pai duma Menina	798
Os Lilases Florescem em São Petersburgo	803
O Soldado Romano	809
O Dourado	816
A Bondade a caminho	824
Uma Saudosa História	828
Índice Bibliográfico	837

Longe

— Amanhã desembarcamos — disse a senhora Coleman.

Luísa sorriu serenamente e um pouco distraída como se tivesse ouvido uma observação que lhe não dissesse respeito. Estava imóvel na sua cadeira de tombadilho; e parecia dedicar-se inteiramente a respirar o ar salino com aquela peculiar expressão das raparigas românticas e tímidas perante um espectáculo que entendem chamar grandioso. A senhora Coleman olhou-a brevemente com uma simpatia súbita que exteriorizou como se corrigisse uma falta:

— Compreendo a sua emoção, minha querida Louise...

E como a rapariga continuasse com o seu sorriso reservado e um pouco monótono, a outra ergueu-se, agitou-se toda fazendo tilintar no pulso o bracelete sobre o vidro do relógio.

— Desembarcamos amanhã! — repetiu com entoação risonhamente teatral. Todo o seu corpo seco e ginasticado de inglesa jovem pareceu reprimir um espreguiçamento, retraindo-se numa compostura de modelo. Com passada elástica que lhe revelava duas linhas musculares perfeitas nas suas pernas nuas, ela afastou-se; disse ainda de longe qualquer coisa para Luísa, cumprimentou alguém, riu alto com o seu riso profundo e que raramente parecia natural. Luísa ficou sem companhia. Num estado vago de sonolência ouvia o marulho das ondas no casco do barco; havia um cheiro ténue a maresia e a comidas de luxo. Uma senhora gorda passou, sobraçando um livro e com o traseiro retesado sobre o *short* claro. Cansada de olhar o mar, aquela imensidão cujo ondular acabava sempre por lhe dar uma sensação de agonia, de peso imenso movendo-se sobre mais pesados abismos, Luísa pôs-se a mirar as suas pequenas mãos, analisando os dedos um por um, com uma minúcia melancólica. Por um momento rolou a aliança, entreteve-se a experimentá-la em todos os dedos picados pelos trabalhos de agulha. Considerava com uma íntima sur-

presa o pequeno aro de ouro, mexia-lhe, sentia-o magoar-lhe as falanges mais espessas. Estava então casada! Casada, casada... A entoação fácil da senhora Coleman dizendo «compreendo a sua emoção, minha querida Louise», feria-a agora como uma coisa importuna em demasia que viesse descobrir o que em si havia de mais secreto e mais amargo: a verdade de se sentir emocionada até ao desespero porque estava casada por procuração com um homem vagamente recordado e amanhã desembarcaria, findaria a viagem que a levava para ele. Teria de lhe sorrir nem sabia como. Teria de o seguir, de conhecê-lo na sua intimidade, de se habituar aos seus beijos e aos seus costumes; teria de lhe dar filhos, talvez... Corou. Com uma sensação de vexame anteviu-se nos braços desse homem quase desconhecido, um estranho cuja cabeça repousaria a seu lado no mesmo travesseiro, cuja escova de dentes estaria no mesmo copo na prateleira do lavabo. Esforçou-se por lembrar-se dele, tal como o vira no continente e na sua vila, cinco anos antes. Era baixo, com uma cabeça oval onde os cabelos cortados rentes já rareavam. Tinha dentes de belo esmalte que brilhava; cuidava-os muito, era meticoloso nos seus bochechos dentífricos, nas maneiras, nas palavras. Elas também pareciam brilhar no meio da conversa molenga daquela vilória de interior, safam-lhe acentuadas de uma forma ridícula mas que de todo não parecia talvez mal. «Tempo esplêndido...» — um sotaque realmente ridículo. E Luísa riu baixinho, divertida, como se unicamente lembrasse uma coisa engraçada a que não estivesse ligada; uma das infinitas coisas que há pelo mundo, que fazem espectáculo, e não têm importância em absoluto. E eis como considerava os factos do seu casamento, da sua viagem, toda a sua vida dos últimos dias — coisas a que não se sentia ligada, elos que só um gesto seu poderia desfazer nem sabia de que forma; coisas que não lhe importavam mas que aceitava como um destino não definitivo. Não definitivo. Através de toda a sua aventura, seus receios e revoltas de mulher livre, reservava-se obscuramente o direito de mudar o seu próprio rumo. «Compreendo a sua emoção, minha querida Louise...» Aquela inglesa com a sua mania de protecção majestosa, dando-lhe palmadinhas nas mãos, deturpando-lhe o nome, fazendo dele uma espécie de propriedade. Tudo em que ela tocava, tudo o que ela olhava parecia ficar definitivamente seu, integrado no seu domínio, digno e reabilitado à sombra da sua bandeira.

— Esta espécie de loiras cujo estado ideal parece ser a velhice! — recitou Luísa. Lembrara-se subitamente da frase; viu-se sentada num sofá de peluche vermelho, numa noite de baile, na Assembleia Comercial. Ele dizia frases. Palavras brilhantes e fáceis. As raparigas riam, tinham um rubor de confusão quando ele as fitava com os seus olhos pretos,

dum preto metálico e sem vida. Luísa aborrecia-se; a mancha de suor, sob os braços, no seu vestido cor-de-rosa, alastrava. Ela estava sentada e um pouco hirta ao lado do homem que mantinha a atenção do grupo. A vitrola tocava *Olhos Negros*. Havia um cheiro de pó-de-arroz, essência de sândalo talvez; de baixo, do café, subia o barulho das tacadas nos bilhares. A noite estava quieta. Os homens fumavam. Contudo Luísa não conseguia identificar a fisionomia dele, era só a dentadura brilhante, os cabelos espetados em escova, as frases — as frases —, não uma fisionomia, um rosto vivo, uma expressão inteira e próxima. Estava casada com ele, agora. De novo experimentou uma sensação rápida de sobresalto; como se alguém lhe batesse com força no peito, sentia uma quase dor opressiva que era o medo do seu destino próximo e irremediável. Procurou acalmar-se, sorriu mesmo, apertando e sacudindo as mãos que lhe pareciam demasiado frias e trémulas. Descansou os ombros contra o espaldar de lona e ficou outra vez rolando no dedo a sua aliança, com um sorriso confrangido, triste. «Amanhã desembarcaremos... Compreendo a sua emoção!» Maldita senhora Coleman! Amanhã ainda estava longe. De resto, todos os seus dias passados nos arranjos do casamento e da viagem lhe tinham sido leves e fáceis, de tal modo sentia viver longe e abstraída do que verdadeiramente podiam significar para si. Mesmo quando assinara o seu nome no registo, fizera-o com uma penada ligeira e viva. A sua *capeline* azul derramava no papel uma ténue sombra azul; a luva que tirara com um movimento enervado rasgara-se no pulso e isso preocupara-a — o desejo de ocultar isso e parecer elegante e invejável fizera-a viver absurdamente dispersa em sorrisos e atitudes vazias todas aquelas horas em que recebia cumprimentos, em que repetia frases e espiava nos espelhos o seu aspecto de noiva. Pouco se lembrava do homem. Tinha umas cartas dele, escrevia-lhe também mordendo a haste da caneta cismando num sinónimo que não queria repetir, pensando o que havia de dizer, alastrando a letra. As pombas revoavam no vale, os cachos pintavam já nas cepas, o rio ia correndo entre os areais lisos no sopé dos vinhais; Luísa ia cosendo o seu enxoval ao canto da janela, ouvia dali vozes familiares, o ladrido dum cão, o choro de uma criança. A nespereira do jardim floria de novo. Ah, tudo demasiado próximo e habitual para ser dito! Luísa mordida mais a haste da caneta, alongava mais os espaços e as letras, morta por achar um fim razoável para aquela carta difícil. Sem um rubor, escrevia uma terminação cheia de saudades, beijos, abstractos desejos. E, às vezes, nesses momentos detinha-se um instante para pensar no rosto dele, no som da voz dele. Não recordava. E surpreendia-se pensando como ele estava longe, longe da sua terra,

da sua alma, dos seus sentidos, longe, longe... E a calma à sua volta, as coisas banais da sua vida, a quietude inteira e sem surpresa da sua vida diziam-lhe que ele ficaria para sempre assim. — Longe!

Agora sentada ali no tombadilho, naquele barco da sua estranha viagem, surpreendia-se ainda porque pensava que «amanhã ainda estava longe».

Com um suspiro lento, continuou brincando com o anel.

História ao Cair da Noite

— Eu não sei histórias — disse o professor.

Remexeu-se na tostada cadeira de vime, desembolsou o lenço, e com muitas pausas, muito método, dedicou-se aos cuidados do seu característico nariz de velho, verrugoso e colorido como um fruto da terra. E voltou a dizer, muito seco, tossicando:

— Eu não sei contar histórias.

E a menina, que estava sentada no degrau da soleira, cismando um pouco, com o vago ar de uma infeliz princesinha de Grimm, sorriu, com desinteresse já. Aborrecia-se. Era uma bonita mulherzinha de três anos, e, agora que conhecia os romances do cine e se iniciava na defesa biblioteca de casa, não a encantavam mais aquelas férias na vilória pasmada com as antigas tias de manias beatas, as merendas com leite de cabra, os passeios nos pinhais calados, os vestidos velhos, a fadiga do bucolismo e dos seus sonhos arroubados aprendidos no *Paulo e Virgínia*.

Dantes era diferente. Ela, ainda uma garotinha de tranças sem pretensões, vinha com o seu focinho acobreado de banhista, com os seus bibes, as suas curiosidades ansiosas, os seus dois manos bebês, cair naquela casa de província onde tudo era novo, original e sem ordem, e os dias não tinham o grillão dos horários, e na noite havia a cantiga dos ralos, o cheiro doce das camoesas pendentes dos tectos como florões fantásticos. Dantes era diferente: ela fazia amizade com as filhas do boticário, gostava das bonecas de trapo amanhadas pela velha ama de suas tias, gostava de pão de milho e de correr pelo campo e estrada como uma cabrinha nova; e gostava de histórias.

Sabia um mundo de histórias, toda a literatura e lendas de meninos, todas as proezas das fadas e os contos de «reis que tinham três filhas», e a vida das moiras encantadas nas fontes, e as desditas de todas as gatas borralheiras, das «sapatinhos de ferro», das «Branças de Neve», de todos

os gigantes brutais e de todos os bichinhos sagazes. Nos crepúsculos plácidos de Setembro, ela vinha sentar-se assim na soleira quente do pátio, todos se reuniam num convívio repousado, um tanto sonolento, de almas pacientes recostadas no passado — ali se erguiam as vozes na mansidão do ar que cheirava ao mosto da estação e às drogas da botica fronteira; gemia a verga das cadeiras; o som da água caindo de alto, entre ramos, sobre o tanque, punha uma impressão fresca e mansa nas cabeças ensonadas; e contavam-se histórias.

A menina escutava, a pequena face apoiada na mão, uma atenção a enfeitiçar-lhe os olhos escuros, que brilhavam erguidos para o lado de onde lhe vinham as palavras de encanto. Era-lhe familiar a especialidade de cada narrador. Sabia que os lábios das velhas tias ganhavam personalidade na devota exaltação das vidas de santos, prelecções muito atrapalhadas com uns longes de erudição, citações salomónicas e todo um calendário anedótico soletrado do *Almanaque de Santo António* em noites de serão, entre braseiras e trabalhos de agulha. As velhas tias eram duas senhoras muito iguais, vagamente espanholas, sem *salero* e sem olhos de brasa, e, como todos os estrangeiros velhos, cheias de pequenas devoções pela terra natal, cheias de recordações singelas afincadas à rotina dos costumes da sua grei; citavam muito as glórias de Santa Teresa de Ávila, as gulodices de *mazapán*, as celebrações da cena de 1910; uma Espanha de cartaz turístico repassava nas suas falas emperradas em tropeços gramaticais; a menina, que as conhecera sempre velhas, sempre místicas e residentes naquele lugarejo, entre os taipais azuis da botica e as paredes denegridas dos quintais, acreditava-as mal, quase nem sabia porquê. Preferia os contos da ama antiga — uma zamorana geniosa e gorda que sabia todas as histórias das bruxas da sua aldeia, e coisas das guerras carlistas; sabia fazer torta de cerejas e bonecas de trapo com pequenos olhos de vidrilho negro. A menina e os dois manos bebés gostavam daquelas férias também porque lá encontravam a ama antiga, e ela era boa e acre como a própria felicidade.

Dantes era diferente porque ela, a menina, era diferente. Então gostava do sol, do ar, da chuva, das garotinhas do boticário, dos bombons momentos em montinhos brilhantes no escaparate da esquina. Agora era diferente: penteava com ordem os seus cachos bonitos, ficava-se pela tarde sentada no degrau vendo o voo das pombas sobre os casais da freguesia, muito só, arrumando no regaço a correspondência de casa, ruminando saudades e vendo tudo diferente, diferente...

As senhoras tias tinham hóspedes. No Verão vinha sempre aquela professora feia, desastrada, com imensos olhos bugalhudos que fitavam a gente como aparição fantasma. Tinha o curso do Conservatório e um

chapéu com uma tesa pena verde; falava dos alunos, de festazinhas colegiais, das suas horas de catequista na igreja de tal; depois duma pausa, sempre se perdia na conversa, e era duma saudável descortesia, tão brusca e alegre assim que dava gosto o seu convívio, na harmonia do simples viver campesino com merendas de leite de cabra e histórias contadas ao crepúsculo, no pátio, entre o choro da água nos tanques, poalha loira de estrelas, e os olhos despertos da menina e dos manos bebês.

Também a senhora mestra tinha dito: «Eu não sei histórias...»

E não sabia mesmo. Nunca fora menina nem moça, nem namorada talvez; parecia existir no mundo desde sempre, tal e qual agora, com os seus sapatões amarelos e rasos, o seu rosto assarapantado e bom com sinais de cabelo, com rugas pequeninas sulcando-o como regos abertos em solo estéril. Não sabia histórias, e, mesmo assim, a menina queria-lhe um pouco como companheira nos campos quando saíam a colher botões-de-ouro nas sebes e agriões nos rebordos das presas. Passavam ambas pelos caminhos nas tardes mansas daquelas boas férias de vindima, sorvendo o ar sob as latadas que rescendiam, falando alto entre o sussurro dos ribeiros que deslizavam em agonia nos pedregulhos brancos; e a senhora mestra, com o seu guarda-sol florido, o seu passo sem ritmo, arrastava após si o olho pasmo dos mocitos que conduziam gados, o comentário alacre das comadres acocoradas às portas a contar os fios do crivo; os bois que bebiam nos poços, com longas sorvedelas encalmadas na tarde que decaía, erguiam para elas os olhares vidrados, açoutando com a cauda, devagar, as ancas onde o mosquedo revoava; a menina tinha-lhes medo e apressava-se, numa grande ânsia de galgar muito lesta os caminhos desertos, e ver depressa surgir os primeiros plátanos da vila, ouvir o cantarolar da água no fontenário novo, o característico som do entardecer no pátio da casa com zumbidos de zângãos atontados na embriaguez das glicínias, chiada de carros e pipilada de aves em redor e para além do arvoredado que fremia.

Nunca sabia histórias, a senhora mestra, mas era camarada, tão pitoresca, e não estorvava nunca... Chegava todos os anos, açodada dentro da poeira da viagem, sempre mais desbotada a pena verde do chapéu, e toda ela mantendo bem por aqueles quinze dias de férias a presença da sua originalidade que era inofensiva e sã e que fazia rir. Nunca sabia histórias, mas não tinha importância isso. E, enquanto crescia, a menina ia achando que tinha menos importância toda a senhora mestra, e que já não tinham valia os passeios no campo à cata de ramalhetes bravos, e que eram ridículos o guarda-sol florido, os sapatões amarelos, a cinzenta personalidade duma pessoa que nunca soube histórias. Era a menina a que ficava diferente...